

Director: António Dantas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: António A. Carvalho Júnior

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

Fora o GARROTE!

Hoje, que por uma lei excepcional, querem sujeitar a liberdade de opinião ao critério de autoridades que tanto pode ser de largas vistas liberais como de acanhados e despóticos conhecimentos, hoje, que a imprensa volta àqueles ignominiosos tempos do *gabinete negro* da monarquia, não sabemos se devemos depor a pena desprezível que, com tanta fé, empunhamos, se continuar nesta luta desigual em que a sinceridade e a boa vontade do mais fraco é subjugada pelo *quero posso e mando*, de outras eras, do mais forte.

Dum lado temos a Razão, que nos anima, porque quer triunfar da insânia que se desencadeou pelo país fora; mas do outro, agita-se na nossa frente, com uma infrene altivez, a lei que pretende amordaçar-nos, fazendo da Liberdade uma utopia e elevando às culminâncias do predomínio precisamente aquilo que, em tempos idos, era o cavalo de batalha dos actuais legisladores e que fez gemer os presos em colunas e colunas de cortante prosa combativa.

Dumas eleições, que ninguém viu, e onde ninguém votou, saíram os deputados à Constituinte e estes, depois de laboriosa e difícil germinação, deram-nos uma Constituição política que, boa ou má, era o diploma porque governantes e governados da República Portuguesa tinham de reger-se.

Que nos resta hoje dêsse documento, firmado por um parlamento, garantido por um governo e autenticado por um Chefe de Estado?

Muito pouco ou quasi nada.

As liberdades, consignadas ao povo português nessa constituição, jazem todas por terra, esfrangalhadas, como se nada representassem.

Quando o nosso jornal sair à luz terá passado a lei no parlamento?

E' provável que assim suceda.

E' provável que, aos desvairamentos de quem devia medir melhor o alcance e os efeitos dos seus actos, se acrescente mais este desvairamento.

Pior para as nossas garantias de liberdade, já reduzidas à expressão mais simples, e pior também para a República Portuguesa que, se os governantes julgam acreditar aos olhos das outras potências e consolidar perante a opinião pública com leis de excepção condenadas em todo o mundo civilizado, vão cavando mais fundo o abismo em que, por tal caminho, hão de irremediavelmente fazê-la submergir.

A defesa da República não está, positivamente, em actos de força e na promulgação das leis vexatórias.

A República não carece de mais defesa do que aquela que tem na fidelidade do seu Exército e da sua Marinha.

Porque, se a República perigasse de forma a serem-lhe insuficientes aqueles elementos de defesa, a República estaria completamente morta e nem as mais exageradas medidas coercivas, nem as mais violentas leis de excepção conseguiriam salvá-la, ou pelo menos soerguê-la.

Mas não; a República não periga. A República foi bem recebida pelo povo, porque ela, como a Monarquia, não lhe faz bem nem lhe faz mal.

Ao povo, já se tem dito e nunca é de mais acentuá-lo, tanto importa que o regimen do seu país seja monárquico ou republicano. O que o povo quer é que um ou outro regimen lhe respeite as suas crenças e as suas tradições, lhe garanta as suas liberda-

des, administre com lealdade e com lisura os seus dinheiros e trate, com decidido empenho em bem acertar, das questões económicas ou financeiras.

E' exactamente com estas garantias de ordem e de segurança que um regimen se impõe à consideração e ao respeito de nacionais e estrangeiros.

Ter-se há seguido esse caminho durante a vigência do regimen republicano em Portugal?

Não sabemos se o poderemos dizer.

Não é, porém, preciso dizê-lo.

Os factos passados em uns insignificantes vinte e um meses de República respondem a esta pergunta com toda a eloquência.

Devemos culpar o regimen?

Não, decerto, porque o regimen é uma mera formula governativa; mas outro tanto não podemos, infelizmente, dizer dos homens que os seus destinos governam.

Foram estes que, dividindo-se em grupos pela ambição do mando, em vez de juntos, numa só vontade, tratarem de o solidificar e tornar amado pelo povo, o incompatibilizaram com esse povo que agora lhes mete medo.

Hoje, depois de terem desprezado o regimen e malbaratado os seus créditos, inventam defesas draconianas.

E' necessário distinguir.

O regimen não precisa de defender-se.

Os senhores do regimen, aqueles que, num infeliz momento de alucinação, se constituíram imprudentemente donos *disto tudo*, esses é que se sentem perigosamente abalados e colocam-se por detrás do regimen inventando uma irrisória defesa, de que elle não precisa, para à sua sombra imporem, pelo medo e pelo terror, um poderio que o povo se obstina em não querer reconhecer-lhes e uma autoridade moral que os seus actos não recomendam.

A crise, a antiga crise que há alguns anos vem assoberbando Portugal, arrastando-o de decadência em decadência, subsiste ainda e de cada vez mais assustadoramente.

A crise não é do regimen; a crise é dos homens.

Sofriem os homens da governação os seus impetuosos mavórticos, acabem com a anarquia desenfreada que passeia em ares de triunfo pelas terras do país, deixem-se de loucuras demasiadas para darem pronto e eficaz remédio aos males de que a Nação enferma, e o regimen estará assim defendido, porque não poderá ser atacado.

Não é semeando ventos que se colhem bonanças.

Liberdade de associação

O belo trecho que os nossos leitores vão apreciar, foi escrito em 1901 pelo falecido cônego Alves Mendes, cujo nome era conhecido em todo o país pela sua oratória flamejante.

Olhando para os desvários intellectuais dessa imprensa sem carácter, sem principios, dessa imprensa funambulesca, cujas armas são a calúnia deslavada e o insulto soez, lamento os pobres de espirito que, incapazes de reflexão, aceitam como verdades axiomáticas tudo quanto uma raiva odienta e fanática lhes sugere. As patranhas, os embustes abjectos que ela forja para desprestigiar os institutos religiosos, provocam-me sempre um sorriso de lástima, sentindo ao mesmo tempo que os verdadeiros liberais não façam estrugir a sua voz que emudeça para sempre os arrua-

ceiros, que vão tripudiando em alguns pontos do país.

Liberdade, como é deturpada, como é asquerosamente vilipendiada por aqueles que te apregoam dia e noite. E são estes homens sem consciência, sem honradez, que prometem regenerar o país com o regimen republicano! E é a gritaria inconsciente dos mesmos que o governo trepida, calcando, espezinhando os direitos invioláveis de cidadãos indefesos!

Liberdade, liberdade, quando florescerás tu sem embustes, sem peias, desafrentada! Os partidos monárquicos, aterrorizados, vacilantes em face de uma jacobinagem despejada, não teem a força precisa para te escudarem, para te abrigarem!

Tê-la hão esses desordeiros, esses perturbadores, cuja argumentação é a mentira alvar e o cacete? que responda o bom senso.

Nas suas correrias através da liberdade, esses espiritos obcecados assolam, devastam todos os elementos de ordem e de paz.

Na sua órbita de exterminio

não poupam nenhuma guarida benéfica que encontrem. E que desejam elles? O bem do país? Sim, o bem do país ganhando-o ainda mais; eliminando as associações religiosas, fechando os recolhimentos de mulheres inofensivas, e na maioria desprovidas de bens terrenos, para as engolfarem na abjecção, para centuplicarem os lupanares; fechando as agremiações de homens, para não haver quem nos fortifique nas agonias do espirito, nas lutas morais entre o bem e o mal, para não haver quem desinteressadamente orvalhe as nossas desditas, convulsionando assim o indivíduo, convulsionando a família, convulsionando o país.

As minhas ideias são genuinamente democráticas, porque no meu ideal não há forma de governo menos afrontosa à dignidade humana, do que essa, tão enlameada, tão desconhecida por muitos que a advogam. Prefiro porém o velho absolutismo ferrenho e despótico a essa horda selvática de liberais intolerantes que nos esmagariam em nome da mesma liberdade. Chegou o momento de se agruparem todos os católicos, todos os liberais desapaxionados para darem uma batalha decisiva à chusma de apedrejadores que de aqui a pouco terão a audácia de entrar em nossos lares para legislarem à paulada na vida doméstica.

Chegou o momento de acordarmos, de nos alinharmos, de açacalar as armas para pulverizar os pseudo-liberais, que a todos ameaçam com o argumento de calhau.

Homens de bem, homens de senso, ponde a descoberto as mentiras revoltantes, impudentes, que todos os dias essa imprensa baixa despeja sobre as multidões; no seio da vossa família, na vossa terra, em qualquer reunião, mostrai a incoerência desses homens que são indiferentes às nossas dores, que não teem uma palavra de consolo para as nossas máguas, desses homens sem coração que, expulsando dos seus asilos essas senhoras que já não teem quem as vingue, as doestam com jocosidades infamantes, com alusões protervas.

Bárbaros! é preciso ter o coração empedrado, morto, para escarnecer de indivíduos, que só com lágrimas respondem às agressões estúpidas de que são vítimas! Os bonzos do oriente nas suas manifestações fanáticas, raiosas, são mais humanitários do que vós.

E é por ver a vossa má fé, os vossos planos de destruição, a vossa perversidade intellectual, que eu protesto energicamente com Victor Hugo e Emilio Castelar, esses *pigméus* do pensamento, contra as infâmias que assacais a corporações filhas da liberdade, contra os arruaceiros que amotinam o povo, e contra o governo que os não castiga, e faço votos para que o mesmo governo se não tenha de arrender do abismo que cavou; pois que o descontentamento entre os povos vai assumindo proporções assustadoras e a Maria da Fonte ainda não vai longe.

ALVES MENDES.

Isto escrevia o talentoso cônego Alves Mendes em 1901.

Que não escreveria êle hoje se ainda vivesse e gozasse da liberdade que tinha naquele tempo?

Todos sabem que êle, posto fôsse clérigo de profissão, nunca foi clerical. E aqui está a condenação da obra dos que nos governam. Muitos dos seus partidários, até dos mais liberais e dos menos crentes, lhe fazem uma crítica severa e causticante.

Tem sido tantas as inépcias, os desatinos, as violências, as brutalidades cometidas pelo partido dominante que não é fácil prever o que daqui sairá.

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à Loja do Benjamim, ao Tórral, que é a única casa que as tem, nesta cidade, da reputada e garantida marca Derby 1912. Bicycletas desde 22\$000 a 50\$000 réis.

Meios violentos

Tendo a Juventude Católica de Braga de inaugurar a sua sede no dia 23 de Junho passado, a autoridade administrativa proibiu-lho. E, numa correspondência de Braga para um jornal de Lisboa, antifrásicamente chamado *Mundo*, dizia o correspondente que essa inauguração era uma exhibição ridícula e parada de forças reaccionárias, que era uma provocação acintosa aos republicanos e que êles não toleram provocações nem coisa que signifique propósito de ofender as instituições republicanas; que se ela não fôsse proibida, dar-se hiam graves acontecimentos e que estão resolutos a empregar meios violentos para evitar tais manifestações.

Que as manifestações católicas sejam consideradas como provocações, parece ser palavra dada pela seita oculta que dirige a maioria dos republicanos. Da procissão do Senhor da Misericórdia na Chamusca disse a benemerita Associação do Registo Civil que, só o facto de vir para a rua, era uma provocação aos sentimentos do povo liberal. E que nas festas dos católicos é possível agora darem-se graves acontecimentos, ninguém o contestará; que muitos tem sido os exemplos. Por aqui se vê a liberdade de que gozam os católicos em Portugal.

As manifestações religiosas que fazemos, no uso dum direito inalienável, ou nos sam proibidas pura e simplesmente, ou são consideradas como provocações acintosas. As festas liberais e maçónicas, feitas com um propósito assás transparente de guerrear a Igreja católica e os seus ministros e em que se dizem as maiores falsidades e calúnias contra uma e contra outros, essas não são provocações, porque estas só podem partir da nossa parte, e por isso temos de as sofrer calados e sem resistência; do contrário apañharemos bordoadas bravias e seremos tidos na conta de intolerantes.

Até à implantação da república raro era haver desordens nas manifestações religiosas dos católicos. Agora, desde que está im-

plantado o novo regime, já tem havido perturbações graves em algumas festas e sempre há receio de que possam dar-se.

Qual será a razão desta mudança? Quem será que perturba as manifestações católicas?

E' fácil de averiguar quem seja. Nas manifestações chamadas liberais, nas festas em honra de Afonso Costa e Bernardino Machado, não tem havido tumultos nem perturbações: correm sempre na melhor ordem.

Que quer isto dizer?

Que há o propósito assente de proibir aos católicos que façam as suas festas fóra dos templos; e, se não se puder fazer essa proibição decorosamente, incita-se ou assalaria-se quem as vá perturbar e nelas fazer desordens para dal tirar motivos de as proibir. E dizem os republicanos que estão resolutos a empregar meios violentos para levar os católicos a que desistam das suas manifestações religiosas! E' assim, num regime chamado de liberdade, que se respeitam os direitos alheios! Alegam que essas manifestações sam uma exhibição e parada de forças reaccionárias. Ora é aqui que lhes doi. E a propósito, me lembra um facto histórico:

Na antiguidade o número de escravos era muito superior ao dos homens livres. Em Atenas havia 40:000 escravos e 20:000 cidadãos. Em Roma, nos últimos anos da república, havia cerca de 1.200:000 habitantes, sendo apenas 2:000 proprietários; por onde é fácil ver que grande era a quantidade de escravos.

Um dia houve quem se lembrasse de que era conveniente que os escravos se distinguissem por um vestuário particular. Foi o assunto discutido no senado e a deliberação, que êste tomou, foi que não se pensasse em tal coisa.

E qual a razão desta deliberação? E' que havia o receio de que os escravos se contassem e vissem que, em número, eram muito superiores aos homens livres. Isto vai seguramente há vinte séculos. E os nossos republicanos, homens liberais e modernos, ainda estão com os receios do senado romano. Proibem as manifestações religiosas dos católicos, com que direito? Não é isso contra a constituição, contra as ideias liberais?

Para tentar justificar essa condenável violência lembram-se das desordens ou tumultos que pode haver, quando sabem perfeitamente donde partem essas desordens. São tam despudorados que atiram a pedra e fazem a caramunha. O que êles não querem é que os católicos se contem e se comuniquem mutuamente. Mas que isto se fizesse há vinte séculos, não seria de estranhar; agora é que não há nada que o justifique, a não ser o *quero, posso e mando* dos nossos republicanos, para os quais serve de regra aquele aforismo que supponho ser de Lutero: *quod volumes sanctum est.*

P. A.

Não é, não senhor

Não é o sr. Manuel de Freitas o autor dos «Mistérios do Priorado da Oliveira», publicados no n.º 2 do nosso jornal.

Fica assim satisfeita a vontade dêste cavalheiro.

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

Grotescos

Estavas, caro Dantas, em sossêgo Bem sentado colhendo a doce aragem, Melancólico, triste, frouxo e cego Fotografando amores na folhagem.

Mas que vem a ser isto que eu estou a trautear?! Pensei que estavas morto já te estava a rezar!...

E' que o nosso Pigmeu ia de prevenção quando aquele marchante te tirou a *stifação*.

P'ra tudo e muito mais, como é, homem ousado, fazia-te a estas horas já morto e sepultado!

Tem um corpo pequeno o célebre Pigmeu!... Mas com respeito a força muita mais que o Tirteu.

E aquelas palavrinhas que êle te dirigiu?! Até quando acabou logo o Tirteu fugiu.

Supuz, e com razão, um perigo iminente, pois eu vi-o a inchar duma forma indecente.

E como êle é Pigmeu, vulgo todo de arromba, disse para comigo: —rebenta já uma bomba!...

Ao menos, felizmente, não houve novidade. Livre-te Santo António dessa fraternidade!

Tirteu.

MAIS UM TRIUNFO!!

Sempre vencedoras em todas as corridas, as Bicycletas «DERBY» acabam de alcançar mais um triunfo ganhando os 7 primeiros premios nas corridas de resistencia Louzada—Penafiel—Paredes!

Vendem-se em Guimarães—Tórral, 105—Loja do Benjamim.

Mistérios do Priorado

Epistola de Frei-Triste ao Ex.º primeiro Presidente da comissão administrativa da Câmara de Guimarães

Vem o macilento Frei-Triste, por êste pardacento Julho, dar-vos os parabéns, Ex.º Presidente, por ter a Providência aliado vossos ombros duma pesadíssima cruz que recebestes dum venerando, sábio e grande homem-de-bem—o Rev.º Abade de Tagilde, cujas cinzas, ainda quentes, veneramos e ensinaremos a mocidade sempre a venerar; essa cruz, Ex.º cidadão, vos foi preparada no largo da Oliveira numa antiquíssima e rica *marcenaria* suspensa em arcos de estilo gótico-romano e externamente pintada a azul-celeste e pelo interior a verde-vermelho, um tanto defumado...

O bom do Abade entregou-vos uma cruz pesada sim, porém muito polida e até elegante. Há meses, porém, os vossos *discipulos* lembraram-se de vo-la enfeitar com acerbos espinhos e duma variedade horrivelmente mortificante; fizeram-vos passeá-la, levaram-vos ao *pretório do Priorado* e daí à Bracara dos Arcebispos; fizeram-vos flagelar e abandonaram-vos, enfim, depois de o vosso *apóstolo da fé* vos

haver renegado... quando as *corujas* na Oliveira ainda nem tinham *piado três vezes!*...

Um dos vossos mais caros *discipulos* até vos deu, como sinal de paz... um *ósculo de insofrida causticidade*—só rival do de Gethesemani! E vós, Presidente, recebestes-lo com paciente resignação; em seguida limpastes o rosto com a carta da vossa nomeação presidencial, e no verso, a lápis, despachastes uns poucos de... espanadores para o pó das vossas botas.

Mas, ninguém vos acusa, nem do desvio de um centavo, nem da aceitação de qualquer peita para se desviarem uns *aneisinhos de água*, ou plantar-se um fontanarinho junto á porta dos amigos!

Os que vos varem o pó que deixastes ao abandonardes a casa do Senado Vimaranesense, ainda que comecem já imitando o vosso exemplo, só tarde... muito tarde, deixarão de ser *juvenis!*

Console-vos isso, Presidente!

O cedro do Líbano, pode muito bem suportar a inclemência do sol da inveja e da maledicência, ou a saraiva da ingratidão, e dar tal sombra aos já enfezados *arbustos* que, sem mesmo o desejar—os define e estiole até ficarem uns pulverizados gravetos. Deixai, pois, que os deuses guindem o inexperiente Icaro; êle se despenhará no lodacento *Pó* da sua ousada presunção e falsa camaradagem.

Retirai-vos, Ex.º Presidente, numa ocasião em que fazeis grande falta; deixai, porém, recordando o vosso nome—entre outras—duas estrelas de rutilante fulguração:—o vosso grande desejo de bem acertar e a franca urbanidade e simpleza no trato com todos aqueles que se avizinhavam de vós.

Fostes presidente e administrador dêste concelho e nem por isso deixastes de ser o sr. Teixeira de Abreu; quero dizer,—um homem que nunca se escudou na sua autoridade para se permitir exorbitações ou procedimentos menos correctos.

Honra, vos seja, pois. E, para terminar, muita coragem, Presidente; se êles vos aliviaram da cruz presidencial, ficaram ainda a *trazar-vos cruces*, e qualquer noite... marcam-vos uma a pixe nas portadas vermelhas de vossa casa; porém, retribuí-lhas, num sorriso todo paternal, com as *armas* do meu seráfico Sam Francisco...

Frei-Triste.

6-7-1912.

FANTASIAS

(sonhos de DIABO NEGRO)

SUBIR... DESCENDO!

Alou! Subiu! Satisfez a sua ambição! Chegou aos pátamos da... *glória!*

Alou! Subiu! Não é ainda a satisfação completa do seu orgulho!

E' Já um grande passo no futuro!

Alou! Subiu!

Para conquistar a altura era necessário indispor, intrigar, incompatibilizar!

Indispôs, intrigou, incompatibilizou!

Alou! Subiu!

Tinham-no desconsiderado muito.

Procuraram sempre desviá-lo da chefia porque viam quanto podia ser prejudicial aos interesses da politica local um tal chefe!

Houve um interino que tinha sempre o cuidado de chamar o inimigo a tomar conta do seu lugar porque via que, se assim não fizesse, deixava a chefia mal entregue!

A vingança é o nectar dos deuses!

Era necessário alijar!

Era necessário vingar-se!

E alijou!

E vingou-se!

Alou!

Subiu!

Não está ainda no seu lugar!

A sua ambição é outra!

Os seus ódios e a sua sede de vingança visam um campo mais largo, horizontes mais espraçados!

Há de ir pouco e pouco!

Roma e Pavia não se fizeram num dia!

As eleições não se fazem tam cedo!

O novo código administrativo será um facto e então, tremei ó infernos e alargai-vos para poderdes comportar gente!

O caminho está traçado!

O primeiro patamar está galgado!

Dali à... *outra banda* é só um passo e êsse passo facilita-o a lei!

O' fúrias!

O' trovões!

O' raios!

O' coriscos!

Nada valéreis então!

A ambição está perto!

A vingança virá!

O orgulho caminha impante!

Alou!

Subiu!

Selvajaria

Para que os nossos leitores possam fazer uma pálda ideia da autoridade de certos historiões que, a propósito de qualquer insignificância, levantam uma enorme torre de mirabolantes fantasias, vamos contar-lhes um acto repugnante cometido por um *histórico* da nossa terra.

Por decêro próprio ocultamos o nome do malvado, e que estas palavras sirvam para modificar os seus instintos de fera são os nossos mais ardentes desejos.

Eis o caso como nos foi contado:

O *histórico* referido tem por criado um rapazinho, ainda novo, filho duma pobre gente duma freguesia dêste concelho.

Há tempos foi às compras e encontrou na praça do mercado umas lavradeiras que o conheciam, e estas perguntaram-lhe onde estava a servir, ao que o rapaz respondeu que estava em casa do sr... *histórico*.

As mulheres conheciam êste cavalheiro como... *histórico*—avaliem os leitores o que diria aquela ingénua gente do campo, no intuito de persuadir o rapaz a sair de tal casa.

Que era um maçónico, que não ia à missa... e um rosário de coisas próprias da gente da aldeia que não pode ver os anti-católicos nem pintados.

O rapazito, muito naturalmente admirado do que ouviu, contou, com a inocência da sua idade, o caso á esposa do *histórico* que por sua vez o contou a êste.

E' muito racional que qualquer individuo de juízo não fizesse caso da lengalenga das mulheres e, quando muito, aconselhasse o rapaz a que não mais lhes desse ouvidos.

Pois o *histórico* não fez assim. Chamou o rapaz a um quarto e espancou-o com um cavalo marinho, ou coisa que o valha, tam malvada e brutalmente que, passados oito dias, ainda o pobre inocente mostrava, entre lágrimas, ao pai os negros vergões pela cara e pelo corpo.

E são êstes figurões que querem armar em apóstolos da Ideia Nova!

Impressões

Um ano mais que nós vamos gosar as «gualterianas», se bem que de há seis a esta parte nos temos surpreendido com a ameaça de ser sempre o último.

A mim mesmo tenho perguntado o motivo porque se põe em dúvida o patriotismo, sempre crescente, dos vimezanenses, julgando-o capaz de abandonar o extraordinário interesse que ao seu comércio e á sua industria resulta do enorme reclame feito com a realização das festas da cidade.

E, muito satisfatoriamente, eu vejo confirmada a opinião que formo deste caso: é que na sua grandiosidade, nos seus atractivos, nos seus números tam extraordinários, de rasgo de iniciativa e de dispendio, só uma vontade firme de bem agrada, só o desejo imenso de atrair, só o esforço santo dum patriotismo bem compreendido, podem conseguir, animar, vencer, continuar as dificuldades e os atritos a que obrigam uns festejos da natureza das *Gualterianas*.

Só no povo desta boa terra, que eu adoro, só os vimezanenses pela alma, pelo coração, pelo sentimento, Abel Cardozo, José Pina e P. Gaspar Roriz, assim João de Melo, João Rodrigues Loureiro e Simão da Costa Guimarães, muitos outros que me fogem ao pouco espaço de que posso dispôr, harmonizam um *conselho de guerra* ao cheiro do carvão das nossas fábricas, ao continuo labutar dos nossos bons artistas, ás canseiras do comércio, a todos os vimezanenses, enfim, obrigando-os, sob penalidades do seu código, a contribuir para o engrandecimento de Guimarães, com o concurso do seu amor á terra que fundou a nossa nacionalidade.

E nesta campanha santa, em que até os estranhos são vimezanenses, em que a alegria arrasta consigo, nestes dias, o negro de fumo das nossas fábricas, o trabalho insano dos nossos artistas, dos comerciantes, dos benquistos caixeiros, que nos apresentam sempre uma chave de ouro para as festas com a sua original *Marcha Milanese*, o cronista vive de ilusão, tambem ajuda á festa com o seu amor de patricio, anima os novos com o calor do seu entusiasmo, e, no crescente da sua dedicação a este abençoado torção minhoto onde a crença e a fé, a esta hora, rendem preito de veneração ao seu santo predilecto, ao S. Torquato milagroso, daqui envia os parabens aos seus patricios comissionados para *mais um ano* realizarem a festa de tantas e tam saudosas recordações, agradecendo-lhes, por si, individualidade sem valor, o interesse que tomam «Por Guimarães».

Cronista.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

S. Torquato.—E' hoje que se realiza, no soberbo e aprazível local de S. Torquato, a mais importante das romarias que no Minho se levam a efeito, e que a crença popular não deixa desmerecer do seu esplendor.

A chuva que hontem cafu talvez lhe tire um pouco a concorrência. Contudo, isso não obstará, se hoje se apresentar um dia formoso, a que o povo, na sua crença sempre firme e inabalavel, ali concorra em avultado numero, como de costume.

Santa Casa da Misericórdia.—Na terça-feira, de tarde, procedeu-se á eleição da nova Mesa da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, ficando eleitos os seguintes irmãos:

Provedor, Augusto Mendes da Cunha.

Escrivão, Alfredo Ribeiro Belino.

Tesoureiro do cofre, Manuel Martins Barbosa de Oliveira.

Tesoureiro do juro, Aureliano Leão da Cruz Fernandes.

Conselheiros:

António de Araújo Salgado
João Jacinto
José Fernandes da Costa
Simão Ribeiro.

Mordomos:

João Alves de Almeida Araújo
João Alves Pimenta
João Vitorino da Silva Guimarães
José António de Castro
José Pinheiro da Costa
Vicente José Pereira Rodrigues.

Comprai os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

Donativo.—A' Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Calçado, desta cidade, foi oferecido, pelo sr. Serafim José Pereira Rodrigues, o valioso donativo de 20000 réis, para fundo da sua Caixa de Socorros. Muito louvavel.

Irmandade de S. Pedro.—Tendo-se procedido últimamente á eleição da Mesa Administradora da Irmandade de S. Pedro que tem de servir durante o ano económico de 1912-1913, deu o seguinte resultado:

Juiz, P.º António Augusto Monteiro.

Secretário, P.º António Mendes Leite.

Vigário do culto, P.º Manuel Ferreira Ramos.

Mestre de ceremonias, P.º Francisco António Saraiva Brandão.

Tesoureiro da Irmandade, P.º António Teixeira de Carvalho.

Tesoureiro do Lausperene, Francisco José de Oliveira Guimarães.

Procurador, Luis Manuel Fernandes.

Consultores: José Maria Valério Ribeiro e Domingos José Leite Mendes.

O Benjamim liquida nesta ocasião:

Lenços de seda grandes a 1\$000 réis!! Chales finos escocêses a 1\$800 e 2\$000 réis! Kimonos-blusas a 300 e 400! Chitas a 100 e 80 réis! Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

Falecimento.—Pelas 11 horas da manhã da última sexta-feira, e depois de dolorosos e prolongados sofrimentos, faleceu a sr.ª D. Maria de Lourdes Dias, filha da sr.ª D. Rosa Guilhermina do Carmo Dias, parteira, desta cidade.

A joven finada contava apenas 21 anos de idade.

Paz á sua alma e sentidos pesames á familia enlutada.

As festas da cidade

Como, em questão de *Festas Gualterianas*, é a «Alvorada» que melhores dados de informação pode fornecer, recortamos do seu último numero o que vai ler-se:

Com a entrada do mês que precede os dias primeiros de Agosto, esses 3 dias consagrados ás festas cívicas da cidade, não há descanso nem horas a perder, pois tantissimos são os lados que chamam a atenção daqueles que, fazendo parte duma comissão, a sério e a valer trabalham—Por Guimarães. A propaganda das «Gualterianas» deve ter, como já dissemos, nestes dias que fogem breves uma intensidade de vida exuberante e animada, tanto mais que nunca é sair da verdade reclamando o esforço da cidade que patriótica e entusiasticamente as realiza. Para esse objectivo propõe-se a comissão tornar conhecido em breve, por todas as terras do norte do país, em larga distribuição, um esboço geral do programa das grandiosas festas, encarregando alguém, nessas localidades, deste fecundo trabalho. Neste propósito de sementeira, sempre indispensável e útil,—ainda mesmo para festas como as consideradas festas «Gualterianas»—muito é de esperar da boa vontade dos dignos correspondentes desta cidade para os diários do Porto e Lisboa, já fazendo acompanhar as suas notícias de gravuras, já buscando, pela obsequiosa distinção das redacções, destacar na factura do jornal todos os informes referentes a este assunto.

O cartaz das festas

Já seguiu o seu destino o cartaz anunciador da Festa da Cidade, devido ao gosto artistico de José de Pina.

No primeiro plano destaca-se a única figura decorativa do cartaz, simbolizando o trabalho na figura robusta e severa de um operário martelando numa bigorna, a significar que a cidade se diverte, mas trabalha.

Inferiormente, servindo de apoio ao braço da cidade, veem-se os attributos dos industriais vimezanenses: no fundo, de um amarelo suave, destacam-se o castelo e as chaminés das fábricas em laboração. Limitando os lados, veem-se duas palmas envolvidas numa parte decorativa, sugerindo festa e prémio ao trabalho.

A figura, sobretudo, está bem tratada, de músculos possantes e estéticos, como a pele de resguardo optimamente lançada e enrugada.

Se a cópia fôr executada fielmente será mais um trabalho a atestar os méritos do seu autor.

Ornatações e iluminações

Como acertadamente resolvêra a comissão, foi encarregado mais uma vez o reputado e conhecido ornatacionista vimezanense sr. Emiliano Abreu de fazer as iluminações e engrinaldar no tom festivo dos arcos, nos festões e galhardetes, este velho burgo de tradições históricas e de trabalho progressivo.

O projecto do largo da República do Brazil, dum belo efeito nas suas linhas gerais, deve-se ao gosto sempre fresco e emotivo dêsse moço modestissimo que se chama Martinho de Sousa Lobo; os projectos do jardim público e mais o do Passeio da Independência foram produzidos por Capitão Pina e José de Pina, os dois irmãos que pela sua compleição de artistas nasceram para a feitura de riscos, plantas e desenhos... e mais para com o seu talento e parceria em ao lado dos melhores amigos da sua terra; ao sr. José Ribeiro de Freitas coube-lhe o estudar a ornatação do largo de D. Afonso Henriques,

Horário dos combóios

PARTIDAS

Para a Trofa

5,54—Diário. Liga, 1 hora depois, com o Pôrto (C. 8,57) e Douro, por Ermezinde (P. 8,27); para o Sul, de Campanhã, ás 8, 48.
8,16—Dias úteis—Rápido. Liga com o Pôrto (C. 10, 30), Braga e Valença (P. 8, 45); para o sul (oeste), de Campanhã, ás 11,40.
10,49—Idem. Liga com o Pôrto (C. 13,26).
13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,43) e Douro, por Ermezinde (P. 17,12); com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,21).
16, 41—Idem.—Correio. Liga com o Pôrto (C. 19,28); e Douro por Ermezinde, (P. 18,48); com Valença e Braga (P. 18,59); com o Sul, de Campanhã, ás 20,25.
20,08—Dias úteis. Liga com o Pôrto (C. 23,10).
21,30—Domingos, feriados e dias santificados. Liga com o Pôrto (C. 23, 57).

Para Fafe

9 e 22,11—Dias úteis.
11,34—Correio, e 17,54—Diários.
10,11 e 21,36—Dom., feriados e dias santificados.

CHEGADAS

Da Trofa

8,52—Dias úteis. Liga com o Pôrto (P. 5,33).
9,44—Idem. Liga com Valença, Braga e Póvoa (P. 5,33).
10,06—Domingos, feriados e dias santificados. Liga com o Minho (P. 7,44) (C. 8, 57).
11,27—Diário.—Correio. Liga com o Minho (P. 8,45) (C. 10,30).
17,46—Idem. Liga com o Minho (P. 14,21) (C. 16,43).
18,51—Dias úteis.—Rápido. Liga com o Pôrto (P. 16,50).
21,29—Domingos, fer. e dias santif. } Ligam com o Minho (P. 18,59) (C. 19,28).
22,02—Dias úteis.

De Fafe

5,46, 13,21 e 16,31—Correio. Diários, que partem de Fafe ás 4,50, 12,28 e 15,35.
20,03—Dias úteis, que parte de Fafe ás 19,10.
21,19—Dom., fer. e dias santif., que parte de Fafe ás 20,23.

Apeadeiros

Exceptuando os rápidos, há paragens de 1 minuto em Espinho, Madalena e Covas; e não para em Espinho o combóio que chega ás 21,29.

Na linha de Fafe há paragens na Penha e Cepães, e só em Cepães, na ida, aos domingos, o combóio das 10,11; e na Arcela, aos sábados, há tambem paragem pelos combóios das 17,54 (ida) e 20,03 (chegada).

INDICAÇÕES:—Os combóios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam as partidas do Pôrto e as chegadas ao Pôrto. As partidas de Vizela para Guimarães antecedem proximoamente 20 minutos a hora de chegada a Guimarães.

e é forçoso reconhecer que não podia o habilissimo artista ser mais feliz no seu projecto; a rua da República é devida ao lápis do professor da Escola Industrial sr. Abel Cardozo.

Batalha de Flores

E' um dos números das «Gualterianas» que muito esforço e tenacidade consome á sua comissão organizadora. Como garantia, porém, de que este numero terá este ano realce empolgante, basta dizer-se que á sua preparação preside o sr. dr. João Rocha dos Santos, a quem se deveu o brilhantismo do primeiro ano de batalha de flôres nestas festas da cidade. Ao seu lado estão as boas vontades de João Rodrigues Loureiro, um propugnador dos progressos desta cidade; Pinto Areias e Domingos Freiria, dedicações que trabalham; Trepa Ramos, Gualtér Lobo, Amadeu Fernandes, Alberto M. Fernandes e Joaquim Menezes, que teem iniciativa para tornarem grandioso este numero destinado a fazer intensamente animada a tarde de domingo, 4 de Agosto.

Consta-nos que a comissão vai em breve entender-se directamente com todos quantos pela sua situação estão nas circunstancias de tomarem parte na batalha... de flores. Pensam igualmente na organização de um cortejo precedido dum grupo de cavaleiros.

Marcha Milanese

A classe dos empregados de comércio mais uma vez, num devotamento entusiastico, vai realizar esse numero sempre original e feérico pelas surpresas que o engenho e a arte de José de Pina lhe imprime, e que os briosos caixeiros tam bem sabem aproveitar para mostrar a esta boa terra o seu amor e a sua carinhosa simpatia. A subscrição que os mesmos iniciaram obteve um acolhimento muito lisonjeiro e que bastante deve contribuir para animar a briosa mocidade do balcão.

Corridas de Bicycletas

Para o efeito de nomear uma comissão que elabore e organize este numero das «Gualterianas», são convidados, além dos cida-

dãos abaixo indicados, todos quantos se dedicam a este género de sport, a assistir a uma reunião que se efectua domingo, 7 do corrente, na sede da Associação Commercial, pelas 10 horas da manhã.

Amadeu Carvalho, Eduardo Freitas Ribeiro, Mariano Pinto Leite, Alvaro Carvalho, Joaquim Neves, Manuel Freitas Ribeiro, Alvaro de Olivera Guimarães, Manuel Pereira Mendes, Paulino de Magalhães, Augusto Dias Teixeira Alves, José Barreira, Barbosa de Oliveira (filho), Alberto Costa Guimarães, Armando Humberto Gonçalves, Américo Joaquim Rebêlo, Afonso da Costa Guimarães, José Neves, Manuel Fernandes e Alberto Teixeira Carneiro.

Igualmente se pede a fineza da comparência dos depositários srs. Anibal Leão Fernandes e Benjamim Constante da Costa Matos.

Notas

A Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães subscreveu com a sua verba costumada, que é de 300000 réis. A Grande Comissão está muito penhorada com o sr. Reis Porto, digno director da Companhia, pedindo-nos para aqui lhe exarar o seu reconhecimento.

—A União Commercial do Porto, que, segundo uma resolução muito lisonjeira para esta cidade, tomára desde o primeiro ano o propósito de oferecer 50000 réis enquanto se realizarem as festas «Gualterianas», acaba de confirmar a sua deliberação.

—A comissão recebeu ordem, pelo Ministério do Fomento, de receber 50000 réis para engrandecimento da feira.

O nosso editor

Por motivos particulares deixa, desde este numero em diante, de fazer parte desta redacção o nosso editor, sr. António A. Carvalho Júnior.

Lamentando a saída dêsse nosso amigo, que soube ser sempre um bom camarada, fazemos votos para que breve possa voltar ao nosso seio.

CARTAS

Fafe, 4-7-912.

Passou no último sábado o aniversário natalício da sr.^a D. Augusta Pinto de Mesquita, esposa do sr. Bernardino Mendes, importante capitalista desta vila.

—Na igreja paroquial de Antime, dêste concelho, consorciou-se a sr.^a D. Maria da Glória de Freitas e Castro, filha gentil do sr. Manuel Inácio de Freitas e Castro, com o sr. Anibal de Castro Leite da Silva.

Paraninfaram: por parte da noiva seu extremo pai e o sr. Miguel Ferreira, deputado por êste círculo, e por parte do noivo os srs. Dr. José Maria Leite de Campos, advogado nos auditórios desta comarca, e Guilherme Augusto Rodrigues, aspirante de Finanças.

Aos recém-casados auguramos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

—Faz anos na próxima segunda-feira, 8, a sr.^a D. Josefa Fernandes Teixeira, bondosa senhora desta vila.

—Na terça-feira, pelas 13,30 horas, foram chamados os socorros dos bombeiros voluntários para o logar de Santo Ovidio, freguesia desta vila.

—Passa hoje o aniversário do rev. José Magalhães de Sousa, da Pica.

—Em Moreira de Rei, dêste concelho, o povo amotinou-se, tocando os sinos a rebato, não deixando entregar uma cruz de prata que, por ordem da autoridade administrativa, foi mandada buscar para figurar na exposição de objectos de arte-sacra que em Braga se realizou por ocasião das festas batistinas.

—O tempo tem estado morno.

D. Ribeiro.

DIVÓRCIO

(2.^a Publicação)

Por sentença de 23 de Maio próximo findo, com trânsito em julgado, proferida na acção de divórcio intentada por Cristina Gomes da Silva, da rua da Liberdade, desta cidade, contra seu marido Joaquim Gomes da Costa, residente na freguesia de Rates, comarca da Povoação de Varzim, foi autorizado o divórcio requerido, com fundamento nos n.ºs 4 e 5 do art.º 4.º do Decreto com força de lei de 3 de Novembro de 1910, o que se faz público nos termos do art.º 19 do mesmo Decreto.

Guimarães, 19 de Junho de 1912.

O escrivão do 5.º officio,

Eduardo Pires de Lima.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na officina tipográfica, montada com cerca de 240 coleções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

OS LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Ano 1\$200 rs.
Semestre 600 "
Número avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Typografia Minerva Vimaranesense

GUIMARÃES

OS LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^{mo} Sr.